

JOGO SUJO

(FOUL!)

**O MUNDO SECRETO DA FIFA:
COMPRA DE VOTOS E ESCÂNDALO
DE INGRESSOS**

Andrew Jennings

Tradução

Renato Marques de Oliveira



© 2011 Andrew Jennings

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Projeto gráfico e capa
Alex Yamaki

Diagramação
Divina Rocha Corte

Preparação de texto
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Telma Baeza G. Dias
Ana Maria Barbosa

Impressão
Cromosete

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Jennings, Andrew

Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos/ Andrew Jennings;
tradução Renato Marques de Oliveira – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. 352 pp.

Tradução de: Foul: the secret world of Fifa: bribes, vote rigging and ticket scandals

ISBN: 978-85-7888-114-6

1. Federação Internacional de Futebol Associado. 2. Futebol – Corrupção. 3. Futebol – Aspectos políticos. 4. Futebol – Aspectos econômicos. 5. Reportagem investigativa. I. Título. II. Título: O mundo secreto da FIFA.

11-0924.

CDD: 796.33406
CDU: 796.332:

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

“Uma espantosa história de propinas e compra de votos.” *Daily Mail*

“Andrew Jennings recebeu o cartão vermelho da Fifa.” *Sunday Times*

“Jennings seguiu pistas de documentos, encarou mandachuvas, ignorou ameaças veladas, e recusou tentadoras iscas para escrever esta história. Mesmo para quem não se interessa por futebol, este livro é uma poderosa análise e acusação daquilo que nos aflige.” *Sunday Herald*

“A história de como a Copa do Mundo trocou sua inocência dos tempos do futebol amador – em que se usavam pedras no lugar de traves – por um lugarzinho ao sol do *showbiz* é cheia de reviravoltas inesperadas. O resultado pode ter contornos de uma telenovela, mas o processo é puro *Família Soprano* [...]” *Irish Independent*

“Um dossiê detalhado e uma pesquisa meticulosa sobre a maquinaria interna da Fifa [...] extremamente divertido e interessante.” *Sunday Business Post*

“O jornalista Andrew Jennings ganha a vida atirando pedras nos Golias do esporte. *Jogo sujo* pinta um retrato da Fifa como um feudo corrupto, abundante em propinas e compra de votos. O texto é leve, divertido e vigoroso – entre a ficção popular e o jornalismo de estilo tabloide.” *Colombia Journal Review*

“Jennings parece ter decidido que o trabalho de sua vida é revelar a trama de mentiras, velhacaria e fraudes, que permeia a entidade que comanda o futebol no mundo. Embora seja baseado em fatos – e há muita carne no osso em cada uma de suas alegações –, o livro é escrito no estilo de um ‘arrasa quartelões’ ficcional. Pulando de continente em continente, de reuniões clandestinas a pronunciamentos públicos, Frederick Forsyth e Dan Brown poderiam aprender uma ou duas coisinhas com Jennings.” *Sport 100*

“O tema do livro rende uma bela peça teatral e não resta dúvida de que o último trabalho de Jennings sobre a corrupção nos esportes é uma leitura divertida e interessante. A obstinada perseguição a Blatter e a outros homens que dirigem os rumos do futebol no mundo servem como um esmagador lembrete de que a necessidade urgente de maior transparência no futebol não se confina a estas plagas.” *Daily Telegraph*

“O livro de Jennings proporciona interessantes e vigorosas constatações sobre a política da Fifa e sobre como a má administração, a má conduta e a busca

de ganhos pessoais tiveram poucas consequências para seus líderes. As provas e descobertas do livro certamente darão estofamento a investigações mais aprofundadas.” *Transparência Internacional*

“Jennings foi banido de todos os eventos da Fifa, o que é um emblema de honra neste esporte, e sua obra é um golpe no ponto nevrálgico da Fifa. ‘Este pretense cavalheiro’, é assim que Blatter se refere a ele, ‘sai por aí dizendo, entre outras coisas, que a Fifa é uma entidade corrupta.’ Isso é discriminação! Esse homem está obcecado. Obcecado! E está errado!” *Scotland on Sunday*

“Andrew Jennings está de volta com uma obra-prima do jornalismo investigativo, repleta de alusões de cair o queixo sobre a corrupção em todos os níveis da Fifa, seus supostos pontos fracos financeiros, sua chocante desonestidade eleitoral e suas bizantinas disputas por poder. O extraordinário zelo profissional com que Jennings selecionou e amarrou todos os detalhes deste sórdido relato, que se desloca da Europa para a África e o Caribe, reveste sua história de inequívoca autenticidade.” *Statesman*, Calcutá

“Sem dúvida, é um dos livros mais instigantes que li em muito tempo. Não apenas há drama e suspense, mas também mocinhos e vilões. É uma leitura envolvente. Embora haja muitos personagens, muitas tramas, reviravoltas e escândalos, Jennings fez um bom trabalho e conta a história com clareza.” *The Star*, Malásia

“Repleto de altas doses de drama, política esportiva internacional e personagens pitorescos – e, de fato, impressionantes – bem definidos pelo autor, e também dinheiro graúdo, para a Fifa este livro será uma leitura desconfortável.” *International Sports Law Journal*

“Um relato pormenorizado que revela detalhes comprometedores sobre as entranhas da entidade que rege o futebol mundial.” *Belfast News*

“A melhor investigação esportiva desde *Pitch Invasion (Invasão de campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno, de Barbara Smit)*.” *Sunday Herald*

Para saber mais sobre a Fifa, visite o site do autor:
www.transparencyinsport.org.

Para os mandachuvas e para os fãs do futebol

Sumário

Prefácio 11

1. O TIQUE-TAQUE DA BOMBA-RELÓGIO DE BLATTER 13
A propina vai parar na mesa de Sepp

2. ADEUS, SIR STAN 19
Saudações a um novo mundo dos esportes

3. SEPP BLATTER, FEITO PELA ADIDAS 28
Um novo líder sai da linha de produção de Dassler

4. SEPP FAZ UMA JOGADA CONTRA HAVELANGE 38
... e vive para contar a história

5. HAVELANGE QUER FICAR RICO DE VERDADE 44
Será que ele consegue transformar a Fifa em uma casa de apostas?

6. OS RAPAZES DE DASSLER PERDEM AS OLIMPÍADAS 51
... e agora, mais que nunca, precisam do futebol

7. UMA ESTRANHA DISPUTA PELA COPA DO MUNDO 55
Árbitro: Sepp Blatter

8. HAVELANGE SAI DE CENA E FALA O QUE NÃO DEVE 61
Blatter se posiciona

9. O REI ESTÁ MORTO. LONGA VIDA AO REI 72
Blatter distribui o dinheiro

10. ASSALTO À MÃO ARMADA. *DE NOVO* 81
Como eles roubaram os votos em Paris

11. O PRESIDENTE BLATTER E A GALINHA DOS OVOS DE OURO 88
Uma rápida olhada nas despesas de Sepp

12. “PRESIDENTE, QUANTO A FIFA PAGA AO SENHOR?” 96
“Hã...”
13. PUNIÇÕES E RECOMPENSAS, MORDER E ASSOPRAR... 101
Blatter constrói sua fortaleza
14. DIVIDIR E GOVERNAR 109
A guerra civil da Fifa
15. UM MESSIAS PARA TRINIDAD 116
Ascensão e ascensão de Jack Warner
16. EIS QUE EU ENVIO O MEU MENSAGEIRO! 123
Chuck, o João Batista
17. HIP! HIP! HURRA! APLAUSOS PARA OS JOVENS JOGADORES 130
... e para o cofrinho da família Warner
18. MAIOR, MAIOR, E CADA VEZ MAIOR 141
Weber infla a bolha da ISL
19. O BARCO DE WEBER ESTÁ AFUNDANDO 147
Será que Sepp vai salvá-lo?
20. COM UMA AJUDINHA DOS CONSULTORES 154
A terapia familiar da Fifa, ao estilo McKinsey
21. GOL CONTRA! 160
Cães adormecidos acordam e começam a latir
22. A CASA DA FIFA ESTÁ PEGANDO FOGO 169
Quem acendeu o fósforo?
23. BLATTER, EM NOME DA TRANSPARÊNCIA 178
“Para que todas as perguntas possam ser feitas e respondidas!”
24. UMA CALOROSA RECEPÇÃO AO SR. BLATTER... 193
Vaías por toda parte
25. O IMPÉRIO CONTRA-ATACA 207
Revolução no Caribe

26. SEPP BLATTER PARTE O CORAÇÃO DE MANDELA	221
Duas vezes!	
27. ENVENENAMENTO, APREENSÃO DE DROGAS E SEQUESTRO	236
Conheçam o novo relações-públicas de Blatter	
28. SEDUZIR E DESESTABILIZAR	242
Hargitay faz a imprensa entrar na linha	
29. ALGUMAS PERGUNTAS AO SR. BLATTER	248
... algumas respostas de seu advogado	
30. OS CONTOS DE FADAS DA FIFA	261
Reavendo o dinheiro	
31. PSIU, QUER UM INGRESSO PARA A COPA DO MUNDO?	276
Jack Warner tem milhares para vender	
32. CAÇANDO AS PROPINAS	290
Por favor, alguém aí, fale com a gente!	
33. MENTIRAS, ADULTÉRIO E INVENCIONICES	295
Como Sepp joga limpo	
Pós-escrito 310	
Apêndice – Notas aos capítulos 317	
Cronologia 331	
Lista de personagens – Elenco de A a Z 339	
Agradecimentos 343	
Índice onomástico 346	

Prefácio

Quando as crianças me perguntam em que eu trabalho exatamente, digo que ganho a vida caçando os caras malvados.

Já investiguei policiais corruptos, governos corruptos e criminosos profissionais. Ganhei prêmios por meu trabalho de investigação sobre o envolvimento do serviço secreto britânico no escândalo Irã-Contras e sobre a polícia bandida. Quando completei quarenta anos, comecei a fazer reportagens na área esportiva.

Esportes? Alguns dos meus colegas do jornalismo investigativo me perguntaram: “Você amoleceu?”.

Nem um pouco. O esporte pertence ao povo. É parte da nossa cultura, do cimento social que mantém a coesão da sociedade.

Assim como a corrupção no governo e na polícia causa preocupação pública, o mesmo também ocorre quando vilões assumem o controle do esporte do povo e o usam para seu benefício pessoal.

Assim, lancei uma rede sobre as águas da política esportiva e fisguei um peixe gigantesco e podre – como costuma acontecer com os peixes – da cabeça ao rabo: as Olimpíadas.

Revelei que Juan Antonio Samaranch, o mandachuva olímpico, tinha sido um fascista de carteirinha, ministro do governo do sanguinário ditador espanhol Franco. E descobri que entre os homens que o apoiavam em seu Comitê Olímpico Internacional havia alguns sujeitos que deveriam estar atrás das grades (e desde então passaram algumas temporadas lá), e muitos para quem a política olímpica não era um meio de servir ao povo, mas sim para benefício próprio – e multiplique isso por mil!

Repórteres investigativos nem sempre vivem para ver os caras malvados receberem a merecida punição, mas o mundo inteiro assistiu ao desmantelamento da corrupção olímpica em 1998, quando o Senado dos Estados Unidos investigou o escândalo e fui convidado a depor como testemunha em Washington.

Eu podia ter parado por aí. Mas foi então que recebi um telefonema de Colin Gibson, editor de esportes do *Daily Mail*, pedindo que eu desse uma olhada nas pessoas que comandam o futebol internacional. “Ah, Colin, pare com isso.

O futebol é coisa graúda. Eu levaria anos para descobrir o que acontece dentro da Fifa.”

Levei anos. As coisas que descobri são tão estarrecedoras que até eu mesmo fiquei chocado. Alguns caras malvados passaram por lá – ou ainda estão lá – tirando tudo o que podem. O futebol ainda é um jogo bonito, é claro. Isso eles não podem roubar de nós. Mas, conforme você vai ler aqui, na Fifa acontecem negócios abomináveis. Eu gostaria que o futebol tivesse a liderança que merece. Nesse espírito, dedico este livro a todos os torcedores e fãs do futebol.

Clique, clique, clique

Instantâneos de dentro da fortaleza do futebol

Mas espere aí

Isso não é permitido na *villa* no alto da colina de Sunny Hill

Dizem que é o jogo do povo

Não pergunte quanto o chefe paga a si mesmo

Ou quem ficou com a propina, quem ganhou o contrato

Não pergunte para quem foram todos aqueles ingressos da Copa

A sede fica na Suíça

Onde denunciar é crime

Os documentos estão trancafiados

Ninguém nunca acha as provas

Este livro não é uma história da Fifa

É só uma amostra da verdade

Aqui há instantâneos do que ela realmente é

E como foi no último quarto de século

Para o bem do jogo.

Andrew Jennings

1

O TIQUE-TAQUE DA BOMBA-RELÓGIO DE BLATTER

A propina vai parar na mesa de Sepp¹

Sede da Fifa, Zurique, inverno de 1998. O relógio acaba de marcar 7 horas em Sunny Hill [Colina Ensolarada], a mansão de paredes brancas e telhas vermelhas empoleirada na colina sobranceira à cidade, no bairro de Sonnenberg. Lá embaixo, no porão aquecido, fica a sala de expedição, onde as secretárias se reúnem para recolher e distribuir a correspondência: são cartas, fax e telex recebidos durante a noite. Notícias de resultados de futebol, transferências de jogadores, campeonatos, cronogramas de viagem, pedidos de subsídios encaminhados por associações e federações nacionais, encontros com chefes de Estado – é mais um dia comum de trabalho na maior organização esportiva do mundo.

Os diretores de departamento entram subitamente, ávidos para saber novos e sobras de notícias que possam levar escada acima e apresentar pessoalmente ao chefe, em troca de algum comentário elogioso ou um mero meneio de cabeça em sinal de aprovação. Lá vai Erwin Schmid, diretor de finanças da Fédération Internationale de Football Association, a Fifa, homenzarrão de ombros largos, que com o passar do dia vai ficar cada vez mais desalinhado e desgrenhado, a camisa saindo das calças. Lá vai Erwin, com seus habituais cumprimentos alegres.

Ele pega um envelope. O remetente é a matriz do banco da Fifa, o Union Bank da Suíça. Erwin rasga o envelope e examina o documento anexo, uma notificação de pagamento. Seu rosto arredondado empalidece. Ele lê mais uma vez. Alguma coisa está errada. Há algo muito irregular. Erwin sai da sala de expedição e se dirige ao elevador, apertando nervosamente o documento na mão cerrada.

Dois andares acima, o secretário-geral da Fifa, Joseph S. Blatter, conhecido no mundo todo como “Sepp”, está sentado a uma mesa com tampo de couro e reclinase na sua cadeira de couro preta de espaldar alto, cumprindo seu ritual diário de leitura do jornal *Neue Zürcher Zeitung*. O enorme televisor JVC está mudo, pois ainda é cedo demais para as partidas de tênis às quais ele adora assistir.

Aos 61 anos de idade, Blatter tem o ar de um homem que está no comando. É um sujeito esférico, de rosto redondo e corpo rechonchudo, um tanto baixinho, e está ficando careca. Mas seu terno bem cortado, sua camisa de dois tons, suas abotoaduras de ouro maciço, seu pesado relógio de luxo e seu olhar de não-me-faça-perder-meu-tempo dizem: *Há 17 anos sou o chefe. Agora, o que você pode fazer por mim?* João Havelange, o presidente da entidade, tem uma sala no andar de cima, mas hoje ele está em sua terra natal, o Brasil, a um oceano de distância. Sepp está no comando.

Blatter desfruta das melhores vistas da *villa*. Uma gigantesca janela panorâmica emoldura os Alpes distantes, a cordilheira arborizada e, bem lá embaixo, o lago e a cidade velha, cujas torres e campanários se espremem entre as colinas do vale. Ele pode caminhar até a janela lateral e contemplar o íngreme vinhedo e as *villas* isoladas, cujos portões altos se abrem de vez em quando para dar passagem a uma procissão de elegantes Mercedes pretos que levam seus proprietários à cidade.

Mas hoje não é um dia propício para apreciar a paisagem. O diretor de finanças tem más notícias para o chefe, que também é seu bom amigo – a bem da verdade, é seu único amigo. Erwin Schmid diz aos colegas: “Só tenho um amigo na vida, e ele é JSB”. E agora Erwin tem nas mãos o tipo de notícia que pode azedar uma amizade. Enquanto o elevador vai subindo, seu ânimo despenca.

Nos últimos três anos, Blatter supervisionou pessoalmente a venda dos direitos das Copas do Mundo de 2002 e 2006: os direitos de transmissão dos jogos pela televisão em todos os países do mundo, os direitos de estampar o emblema da Fifa e as palavras mágicas “World Cup” em refrigerantes, lâminas de barbear, cervejas, hambúrgueres e pares de tênis. Tudo isso está embutido no presente recebido pela Fifa. Altos dirigentes da entidade cuidaram da negociação de acordos comerciais no colossal valor de 2,3 bilhões de dólares com velhos amigos de uma discreta empresa localizada algumas montanhas alpinas ao sul.

Situada no número 10 da Markstrasse, na cidade de Sarnen, um pequeno paraíso fiscal, a empresa atende pelo nome International Sport and Leisure, ISL.

Erwin sai do elevador. O documento que tem nas mãos ameaça destruir a Fifa. Ao longo dos anos têm circulado boatos negativos acerca das relações entre a Fifa e a ISL, rumores sobre propinas e subornos. Amigos leais como Erwin jamais deram ouvidos a esse tipo de maledicência. Afinal de contas, relacionamentos especiais sempre chamam a atenção, não é mesmo? E nunca houve provas de delitos ou ações ilícitas. Mas, agora, aquele pedaço de papel. Um pagamento caiu numa conta em que não deveria ter caído.

Erwin caminha com passos surdos pelo corredor acarpetado. Chega à porta de Blatter, bate e espera ser chamado. Entra. Sem perder tempo, entrega o documento a Sepp. É uma ordem de pagamento padrão, comprovando que a ISL transferiu 1 milhão de francos suíços (cerca de 400 mil libras) para a conta da Fifa. O nome do recebedor, o destinatário da propina, faz o estômago revirar. É um altíssimo dirigente, um veterano do mundo do futebol. Trata-se de um polpudo “muito obrigado”. É algo bastante inapropriado (mas não ilegal na Suíça, desde que seja declarado no imposto de renda).

“Meu Deus”, resmunga Blatter, levantando-se da cadeira. “Isto aqui é um problema... Isto não nos pertence.”

Erwin sabe disso. Mas qual será a atitude de Blatter? Avisar a polícia? Relatar o caso ao Comitê Executivo da Fifa, ao Comitê Financeiro? É o mínimo que ele poderia fazer.

Em vez disso, o dinheiro é transferido da conta da Fifa para a conta do homem cujo nome aparece na ordem de pagamento. E o registro da transação fica arquivado. De acordo com a lei, o registro deve constar dos arquivos até o inverno de 2008. E lá ele fica, como uma bomba-relógio, esperando para explodir.

Tique-taque, tique-taque.

Túnis, Abou Nawas Hotel, 23 de janeiro de 2004. A iluminada sala de conferências está abarrotada de jornalistas vindos do Cairo e da Cidade do Cabo, de Yaoundé e Nairóbi; alguns estão usando terno, outros vestem *djellabas* do deserto, outros coloridos abadá africanos; todos estão sentados nas fileiras de cadeiras, com os *notebooks* a postos, aguardando as palavras do homem mais poderoso do mundo do futebol.

Acima do palco está o retrato que domina os edifícios públicos, os restaurantes e as lojas do país, o presidente Zine El Abidine Ben Ali, de pé, sisudo, ostentando um corte de cabelo curto, de uma improvável cor preto-azeviche, e uma casaca adornada com medalhas. Na Tunísia, que ele governa desde 1987, não é permitida oposição política, nenhuma crítica é tolerada, e centenas de pessoas apodrecem na prisão depois de terem sido submetidas a julgamentos injustos. Há eleições aqui, mas Ben Ali vence todas, com supostos 99% dos votos.²

Para os turistas, seu país mostra sempre um rosto alegre, especialmente nesta semana em que a Tunísia foi invadida por milhares de fanáticos por futebol, vindos de Ruanda e do Benin, de Mali e do Zimbábue. Lotaram os estádios

na costa do Mediterrâneo para torcer, gritar, aplaudir e bater freneticamente seus tambores durante as finais da Copa das Nações Africanas de 2004.

Eis que Sepp Blatter entra e toma seu lugar no centro do palco, bem abaixo do retrato de Ben Ali. Outrora secretário-geral da Fifa, ele agora é presidente da entidade já faz seis anos. Blatter admira Ben Ali, que define como um “homem que se tornou merecedor de enorme respeito”, e exalta a Tunísia como “um país absolutamente aberto”.

À direita de Blatter está sentado nosso anfitrião, o camaronês Issa Hayatou, presidente da Confederação Africana de Futebol nos últimos 16 anos. Homem corpulento e de peito largo, outrora atleta campeão de corridas de 800 metros, Hayatou parece cansado, mas de vez em quando cumprimenta com um sorriso e um leve meneio de cabeça homens com quem já deu risadas e com quem já duelou. Ele enfrentou Blatter na disputa para a presidência da Fifa 18 meses atrás. Prometeu “restaurar a integridade e a responsabilidade” da entidade. Juntamente com outros dirigentes, escreveu ao promotor público de Zurique acusando Blatter de corrupção e exigindo uma investigação. A campanha empreendida por Hayatou em nome da integridade não conseguiu derrotar o carisma de Blatter, que venceu as eleições para um segundo mandato. O promotor decidiu não levar Blatter aos tribunais, alegando insuficiência de provas para a instauração de um processo, e nenhuma acusação formal foi feita.³

Todos sabiam que mais cedo ou mais tarde Blatter revidaria e Hayatou pagaria caro. O contra-ataque é o estilo dele: *Meta-se no meu caminho e sofra as consequências*. Ontem, Hayatou apresentou sua candidatura à reeleição à presidência da Confederação Africana de Futebol. Blatter e seus asseclas de Zurique apoiaram fortemente o candidato adversário, Ismail Bhamjee, de Botsuana. Mas Hayatou não é um páreo fácil de derrotar. Ele assegurou suas bases nos países africanos de língua francesa da África Ocidental, do Marrocos até o Congo. Assim, Bhamjee, cuja candidatura nunca decolou, perdeu por 46 votos a 6. Mas Blatter é um profissional. Em seu rosto não há o menor sinal de amargura. Ele toca o braço de Hayatou, e seu gesto diz: *Somos todos amigos de novo*. Nas entrelinhas, porém, o subtexto é: *Da próxima vez eu te pego*.

À esquerda de Blatter está sentado o secretário-geral da Fifa, Urs Linsi, que, como seu presidente, está usando uma gravata com listras diagonais, camisa azul e terno preto. Como Blatter, Linsi nasceu na parte de língua alemã da Suíça. Como Blatter, está ficando careca. Um único tufo rebelde coroa o topo da testa.

Desde que chegou à Fifa, Linsi – que Blatter recrutou junto ao Credit Suisse em 1999 para atuar como seu diretor de finanças – sempre foi um homem

de confiança de Sepp. Quando o secretário-geral Michel Zen-Ruffinen apoiou Hayatou para a presidência, Linsi permaneceu leal. Depois que os votos foram contados em Seul em 2002, Blatter rosnou para um repórter suíço: “Amanhã a gente cuida do sr. Limpinho”. O sr. Limpinho, Zen-Ruffinen, passou a ser uma carta fora do baralho. Linsi estava em franca ascensão. Assim, aos 54 anos de idade, ele agora acumula dois cargos: diretor de finanças e secretário-geral. É um homem extremamente poderoso.

No Abou Nawas Hotel, alguém faz uma pergunta. O que o presidente acha do futebol africano? Blatter sorri. E responde com convicção: “A África é o futuro do futebol” (é uma fórmula que funciona bem e que ele usa sempre. O que o senhor acha do futebol feminino? Ele responde com voz firme: “O futuro do futebol”. A Ásia? “O futuro do futebol”). Blatter está em boa forma, exibindo seu sorriso afetuoso e carismático. Está um dia lindo.

Mas há um estraga prazeres. Eu. Eu pego o microfone que circula pela plateia: “Uma pergunta para o presidente Blatter”. O sorriso dele fica amarelo e depois desaparece, enquanto ele apoia o queixo no punho cerrado. Não sou seu jornalista favorito. Eu conheço a história da bomba-relógio. E lá vou eu: “Depois que o último contrato de marketing foi assinado com a ISL para as Copas do Mundo de 2002 e 2006, um pagamento secreto de 1 milhão de francos suíços foi depositado por acidente na conta bancária da Fifa”.

Paro para tomar fôlego. Blatter estreita um pouco o olhar. Eu continuo: “Supostamente o senhor, à época secretário-geral, deu ordens para que o dinheiro fosse transferido imediatamente para uma conta secreta de um dirigente da Fifa”. Então eu pergunto a ele para quem foi.⁴

Blatter fica tenso, olha fixamente para a mesa antes de resmungar alguma coisa sobre a ISL, agora falida, e nas mãos de um liquidante. E, por fim, responde, de maneira glacial: “Não vou entrar em um debate aqui nesta entrevista coletiva, e acho que esse assunto está totalmente fora dos temas que queremos discutir hoje na África, juntamente com os jornalistas africanos, em nome do desenvolvimento do futebol no continente; eu sinto muito, por favor, aceite esta situação, e tenho certeza de que seus colegas da imprensa africana e internacional concordam comigo”.

Lá fora, em um átrio salpicado de grandes vasos com palmeiras, eu me aprofundo em um sofá de couro, beberico café forte e adocicado e bato papo com velhos conhecidos da sala de imprensa da Copa do Mundo de quatro anos antes. Um jornalista sul-africano grandalhão, que passa correndo para não se atrasar para uma entrevista, acena e dá um berro entusiasmado: “Eu sempre gosto de

teatro!”. O editor de uma revista do Golfo, um sujeito magro e vestindo roupas informais – camisa de gola aberta e paletó esportivo desabotoado –, está maravilhado: “A cara do Blatter ficou verde!”.

“Não”, corrige um amigo do jornal queniano *Daily Nation*, “ele ficou amarelo”.

Tique-taque. Tique-taque. Tique-taque.